

POLÍTICA

Poucas mas boas na 'quota' de 4% em Portugal

18 Fevereiro 2011

Governo defende a auto-regulação nesta matéria, bem como nas medidas de promoção da igualdade seguidas por número crescente de empresas.

Uma observação rápida às 20 maiores empresas cotadas em bolsa e apenas uma se destaca com uma mulher CEO: Ana Maria Fernandes, da EDP Renováveis. Um dado que confirma não os números nacionais, que não existem, segundo a Associação Portuguesa de Mulheres Empresárias (APME), mas os recentemente revelados pelo European Women's Professional Network (EWPN), que apontam 3,6% de mulheres nos conselhos de administração das grandes empresas em Portugal.

"Um número muito baixo face à média europeia, que é de 11,7%", reconhece a secretária de Estado da Igualdade, Elza Pais.

Defendendo que "há ainda um caminho a percorrer", a mesma responsável acredita que não vai ser preciso a imposição de quotas pelo Governo, à semelhança do que acontece em alguns países europeus (ver texto em cima). "Acredito na auto-regulação e no estímulo da vontade das empresas para implementar planos para a igualdade", factor vital no "reforço da competitividade", reforça, alertando que "estão a sair das universidades muitas mulheres qualificadas que precisam de ser rentabilizadas". Ou seja, "não precisam de bondade, mas sim de igualdade", conclui.

Tudo isto acontece "porque o que se está a discutir é poder operacional - decidir se se fecha, abre ou deslocaliza uma determinada sucursal, por exemplo", defende a presidente da APME, Ana Bela Pereira da Silva.

Reforçando o seu lema de sempre - "O talento não tem género", nome dado ao programa de incentivo às PME -, a mesma responsável, acrescenta que, ainda assim, esta "resistência tem feito progressos", uma vez que "não se trata de uma questão de competência", mas do medo da cedência de poder.

Ana Bela Pereira da Silva dá como exemplo desse talento o caso da banca norte-americana, quando começou a entrar em dificuldades, quem ajudou na sua recuperação foram muitas mulheres que foram chamadas aos conselhos de administração. "As mulheres têm bons resultados no topo. É uma questão de factos e de números", reforça a presidente da APME.

E se a análise às empresas for feita fora da bolsa e com malha mais larga, já se 'apanham' mulheres em cargos abaixo dos presidentes, caso da Microsoft Portugal, onde Cláudia Goya é directora-geral. Entre, desejavelmente, muitas outras...